

A TRADIÇÃO CLÁSSICA E O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA VERNACULAR NA EARLY CHRISTIAN IRELAND: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MATÉRIA TROIANA E A TOGAIL TROÍ¹

CLASSICAL TRADITION AND THE DEVELOPMENT OF VERNACULAR WRITING IN EARLY CHRISTIAN IRELAND: SOME NOTES ON THE TROJAN MATTER AND TOGAIL TROÍ

Dominique SANTOS*

Resumo: Narrativas acerca da mitologia grega ou romana, bem como aquelas de caráter épico, envolvendo batalhas e heróis, não se encerraram na Antiguidade. Ao contrário, foram, com frequência, elaboradas no mundo chamado pós-clássico. Dentre as variantes desta tradição textual está o ciclo literário conhecido como matéria troiana, amplamente divulgado em toda Europa. A partir de um dos principais textos que integram este ciclo, a *Togail Troí*, uma “tradução” da *De Excidio Troiae Historia* para a língua irlandesa contida no *Book of Leinster*, o objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões sobre a relação entre a Tradição Clássica e o desenvolvimento das línguas vernáculas na *Early Christian Ireland*.

Palavras-chave: Tradição Clássica; Early Christian Ireland; Escrita Vernacular; Matéria Troiana; Togail Troí.

Abstract: Stories about Greek and Roman mythology, as well as those of epic character, involving battles and heroes, not stopped to be written in Antiquity. Instead, they were often developed in the so-called Post-Classical World. Among the variants of this textual tradition there is the literary cycle known as Trojan matter, widely spread throughout Europe. From one of the main texts of this cycle, the *Togail Troí*, a ‘translation’ of *De Excidio Troiae Historia* into the Irish language contained in the Book of Leinster, the aim of this article is to present some considerations about the relationship between the Classical Tradition and the development of vernacular writing in Early Christian Ireland.

Key-words: Classical Tradition; Early Christian Ireland; Vernacular Writing; Trojan Matter; Togail Troí.

*Professor de História Antiga da FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau, Campus I, CEP: 89012-900, Blumenau, Santa Catarina - Brasil. Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais [www.furb.br/labeam]. E-mail: dvcsantos@furb.br

Os passos dos escritos em línguas vernáculas no mundo Pós-Clássico possuem uma longa História. Um dos primeiros lugares a produzir uma literatura em idioma próprio, diferente do Latim, do Grego e do Hebraico, foi a Irlanda. Isto provavelmente ocorreu por conta da forma de utilização, readaptação e ressignificação da Tradição Clássica em terras irlandesas. Assim, para tentarmos compreender um pouco melhor este processo, problematizamos a relação entre esta Tradição Clássica e o desenvolvimento da escrita vernacular na *Early Christian Ireland* e a produção de um texto intitulado *Togail Troí*, que é uma “tradução” da *De Excidio Troiae Historia* para a língua irlandesa, contido no *Book of Leinster* e escrito entre os anos de 1151 e 1198 na Irlanda. Ou seja, a recepção de uma obra produzida na Antiguidade Tardia em um período histórico posterior.

É muito importante levar isto em consideração, pois há diversas reflexões disponíveis na historiografia acerca dos chamados estudos de recepção, ou usos do passado (FUNARI; FUNARI, 2015; GARRAFFONI e FUNARI, 2012; SILVA, 2007; SILVA, 2010). Muitos destes trabalhos são dedicados à análise de como determinada temática clássica foi utilizada, readaptada ou ressignificada em algum contexto posterior, como a Inglaterra Vitoriana (BARBOSA, 2015; BARBOSA, 2015, p. 1-13), as lutas pela independência da República da Irlanda que ocorreram no início do século passado (DOOLEY, 2006; SANTOS, 2014, p. 220-241), o Cinema Hollywoodiano, cuja produção tem um amplo relacionamento com os Estudos Clássicos (CARLAN; FUNARI; FUNARI, 2015) etc., ou seja, já na contemporaneidade. No entanto, é preciso lembrar que a recepção deste tipo de temática já ocorria na própria Antiguidade.

É o caso, por exemplo, de uma conhecida cena da Odisseia, na qual Odisseu aparece diante das sereias, utilizada na decoração de utensílios domésticos gregos de períodos posteriores (ROBERTSON, 1992). Estas representações, principalmente de temáticas épicas, não se restringiram à Grécia, mas fizeram parte também da tradição literária romana e do mundo pós-clássico. A obra de Homero, em especial a Guerra de Tróia, ocupou papel de destaque nestas narrativas. Na Europa Medieval e Moderna existiram dezenas de versões sobre algum acontecimento direta ou indiretamente relacionado com Tróia. Segundo Alan Shepard e Stephen D. Powell, o público ao qual este tipo de relato era direcionado, em diversas ocasiões, imaginava-se como descendente dos nomes que faziam parte destas narrativas, Enéias, Brutus, Heitor e outros. A narrativa homérica, então, possuía papel legitimizador, pois este tipo de relato servia “para legitimar as identidades, a singularidade e a glória de vários indivíduos ou grupos” (SHEPARD; POWELL, 2004, p. 01). O conjunto das narrativas literárias que

apresentam algum tipo de vínculo com a épica grega atribuída a Homero pode ser denominado como ciclo troiano, ou matéria troiana, e é um dos mais antigos da história da Literatura.

De todas as narrativas que integram esta matéria troiana a que interessa diretamente aos propósitos deste artigo, como já mencionado no primeiro parágrafo, é a intitulada *Togaíl Troí*, adaptação para a língua irlandesa da *De Excidio Troiae Historia*, um texto elaborado na Antiguidade Tardia, “tradução” de um suposto relato acerca da destruição de Tróia atribuído a Dares Phrygius. Sobre esta obra irlandesa, Aida Breen afirma que ela “é a tradução vernacular mais antiga de uma obra reconhecidamente pseudoclássica da literatura” (BREEN, 2005, p. 89). *Togaíl Troí* e, por conseguinte, a matéria troiana, são fundamentais, então, para a história da língua e da literatura irlandesa, bem como para compreendermos o desenvolvimento da escrita vernácula no período denominado como *Early Christian Ireland* (CHARLES-EDWARD, 2000; FARRELL; SANTOS, 2011, p. 185-213).

A De excidio troiae historia - obra ‘pseudoclássica’ da literatura

A narrativa que ficou conhecida como *De Excidio Troiae Historia* é uma das várias representações que fazem parte do Ciclo troiano. Ela teria sido escrita por volta do século V-VI por um autor que afirma ser Cornelius Nepos, que teria traduzido para o latim os relatos de Dares Phrygius, um eventual participante da guerra de Tróia, e comunicado sua “tradução” a Sallustius Crispus.

Segundo Jonathan Cornil, que estudou várias das principais questões sobre a *De Excidio Troiae Historia*, no entanto, este Dares ao qual a obra faz referência, provavelmente, jamais existiu. O autor da obra também não é Cornelius e tampouco ela foi relacionada ao renomado historiador romano Sallustius. Cornil explica que alguém na Antiguidade Tardia, de forma bastante consciente e apropriada, utilizou os três nomes para promover sua obra (CORNIL, 2011-2012). Ele conseguiu localizar, por exemplo, que Dares (Δάρης) é um nome grego que aparece na narrativa homérica e virgiliana. Na *Ilíada* há um Dares que é sacerdote de Hefestos² e na *Eneida* um que é um guerreiro³. Assim, é possível que este nome específico tenha sido escolhido por conta de suas referências clássicas, afinal, aparece na obra daqueles que são considerados como os compositores máximos desta tradição de narrativas sobre Tróia. Da mesma forma, Cornil defende que quem quer que seja o autor de *De Excidio Troiae Historia*, ele também recorreu aos nomes Cornelius e Sallustius por acreditar que assim conferiria

autorictas, ou seja, credibilidade, ao seu próprio relato, mas ambos os escritores romanos não possuem relação nem com este autor anônimo da Antiguidade Tardia e nem com Dares Phrygius, suposta testemunha ocular da guerra de Tróia (CORNIL, 2011-2012).

Assim sendo, embora a obra comece com o Cornelius Nepos enviando saudações para Sallustius, Jonathan Cornil afirma que podemos ter certeza de que a linguagem adotada nela não pertence ao escritor ao qual a narrativa é atribuída. Analisando o texto da *De Excidio Troiae Historia*, ele mostrou que a linguagem utilizada apresenta várias nuances que permitem identificá-la como próxima de um latim “bárbaro”. O autor explica, por exemplo, que a obra foi escrita em prosa e não utilizando o recurso dos versos hexâmetros datílicos e suas variações, como era o costume para narrativas deste gênero, o que deve ter ocorrido, talvez, por conta do problema da adaptação (CORNIL, 2011-2012). De acordo com Cornil, a obra parece uma tentativa de imitar uma história de guerra, uma categoria de textos que, em latim, é denominada *commentarius*, como a conhecida obra de Júlio César sobre as guerras gálicas. Levando isto em consideração, ele interpreta ainda que a obra possa ser um *Progymnasmaton*, um exercício de retórica solicitado aos estudantes da época, quando deveriam não só aprender relatos existentes, mas também inventá-los, gerando novas composições (CORNIL, 2011-2012).

Ou seja, apesar de se proclamar como sendo a “tradução” feita para o latim por Cornelius Nepos do relato elaborado pelo guerreiro troiano Dares (Δάρης), o frígio, que teria ele próprio participado da Guerra de Tróia, e escreveu como testemunha ocular dos eventos, *De Excidio Troiae Historia* é, na verdade, segundo Cornil, uma obra da Antiguidade Tardia, provavelmente um *Progymnasmaton* do século V-VI, escrita em prosa, tentando imitar um *commentarius*. Os editores da *Encyclopædia Britannica* resumem a obra da seguinte maneira: ela começa contando a viagem dos argonautas e termina com a destruição de Tróia, divergindo em muitos pontos tanto de Homero quanto de Virgílio, pois reescreve, adapta e ressignifica estes escritores (*Encyclopædia Britannica*, 2016). Por este motivo a obra é considerada “Pseudoclássica”. Isto não impediu, no entanto, que ela se tornasse uma referência durante toda a Idade Média. Segundo Cornil, muitas pessoas “acreditaram na história de Dares como testemunha do sítio de Tróia” (CORNIL, 2011-2012, p. 03). Entre este público estavam os escribas irlandeses, que se dedicaram a “traduzir” a obra para o irlandês médio para que ela se tornasse parte integrante do *Book of Leinster*, importante composição hibernica.

O Lebor na nuachongbála ou 'book of leinster'

Vários manuscritos contendo textos em irlandês foram produzidos ao longo da *Early Christian Ireland*. Segundo Muireann Ní Bhrolcháin, alguns perdidos, como o *Cín Dromma Snechta*, que provavelmente teria sido escrito no século VIII; outros disponíveis, como o *Cathach*, com 58 páginas narrando os salmos, o *Book of Armagh*, no qual está o mais antigo trecho de uma narrativa em prosa irlandesa, e o *Lebor na hUidre* (NÍ BHROLCHÁIN, 2009, p. 21-22). A *Togaíl Troí* está contida em um manuscrito conhecido mais amplamente como *Book of Leinster*.

Trata-se do MS H.2.18, 1339, armazenado na biblioteca do *Trinity College Dublin*. Por isso, também é possível encontrar referências a ele como T.C.D. MS 1339 (H. 2.18). Segundo Ní Bhrolcháin, *Book of Leinster*, e sua abreviação LL, é uma nomenclatura recente. É possível que no passado a obra fosse conhecida apenas como *Lebor na Nuachongbála*, por conta da cidade de Nuaachonbáil, no condado irlandês de Laois. O lugar pertenceu à dinastia dos Uí Chrimthainn e o principal escriba do manuscrito era desta família. Pode ser, inclusive, que o patrono da obra seja Diarmait Mac Murchada (NÍ BHROLCHÁIN, 2005; NÍ BHROLCHÁIN, 2009). A autora explica que, apesar de terminado no século XII, a escrita do texto durou um longo período e a data aproximada do término da composição é 1160 (NÍ BHROLCHÁIN, 2009, p. 272-274). William O'Sullivan, no entanto, outro estudioso da obra, especifica que ela foi escrita entre 1151 e 1198 (O'SULLIVAN, 2008, p. 546).

Fazendo uma tipologia do manuscrito, Ní Bhrolcháin conseguiu elaborar uma trajetória histórica detalhada dele. Segundo a autora, após uma série de disputas e transformações políticas e administrativas na Irlanda do período, o texto só voltou a ser localizado no século XIV. Em 1583, ele pertencia a Calbach Ó Mórdha, mas estava com Seán Ó Ceirín. O próximo a possuir a obra foi o filho de Calbach, Ruiaidhrí Ó Mórdha. Depois disso, o manuscrito foi emprestado para vários eruditos e, após tantos usos, foi fragmentado em diversas partes, que foram adquiridas por antiquários. De acordo com Ní Bhrolcháin, a família Ó Mórdha ficou com a parte principal do manuscrito e o levou para Ballyna, no condado de Kildare. Em 1700, um arqueólogo galês chamado Edward Lhuyd comprou a obra. Quando Lhuyd morreu, *Sir Thomas Saunders* adquiriu o manuscrito e seu filho o doou para o Trinity College em 1782, que o disponibilizou em 1786 em sua biblioteca. A autora finaliza explicando que, em 1841, O'Curry fez um *index* e reordenou as folhas do manuscrito, adotando a sequência H.2.18, quando, então,

o *Book of Leinster* passou a ser referido por este código (NÍ BHROLCHÁIN, 2009; NÍ BHROLCHÁIN, 2005).

Segundo William O’Sullivan, a autoria do manuscrito é reclamada por um escriba chamado Áed mac Crimthainn, que afirma ter compilado o texto a partir de vários livros. Apesar disso, outros escribas também trabalharam na obra, pois é possível reconhecer caligrafias diferentes: uma segunda que o autor define como “forte, arredondada, mas não fina”; uma grande caligrafia, que é chamada de “F”, provavelmente o Bispo de Finn; outra menos cuidadosa, denominada “T”, que provavelmente foi quem organizou o trabalho de Aed e configurou o livro como o conhecemos hoje; o escriba “U”; e dois escribas que tiveram uma participação menor, “M” e “S”, copiando apenas algumas páginas (O’SULLIVAN, 2008, p. 546). De acordo com Ní Bhrolcháin, o manuscrito foi produzido em *Vellum*, material muito caro, feito de pele de bezerro, e o preferido na Irlanda. A decoração incluía mosaicos, serpentes, letras com cabeças de animais e também cabeças humanas penduradas nas letras. Foram usadas basicamente quatro cores: vermelho, amarelo, verde e roxo. A *Togaíl Troí* aparece junto com a *Cath Maige Muccrama*, um conto em irlandês médio que é parte do chamado “Ciclo dos Reis”, e um texto de sabedoria intitulado *Audacht Morainn* (NÍ BHROLCHÁIN, 2009). Para O’Sullivan, o escriba responsável pela versão irlandesa da destruição de Tróia foi “T”, o mesmo que também copiou o texto do *Táin Bó Cuailnge*, épico mais conhecido da língua irlandesa (O’SULLIVAN, 2008, p. 546).

A Togaíl troí e o desenvolvimento da escrita vernacular na early christian ireland

A *Togaíl Troí*, ou destruição de Tróia, certamente não é o primeiro indício da relação da tradição irlandesa com a cultura clássica, mas, como já apontado, é a “tradução” vernacular mais antiga de uma obra “pseudoclássica” da literatura. Assim, cabe perguntar: o que estas traduções podem nos informar sobre a erudição do período? As temáticas pagãs da tradição clássica não eram uma dificuldade para os *literati* da *Early Christian Ireland*? Que outros textos interessavam a estes escritores? Qual era a audiência de *Togaíl Troí*? Qual o papel desta narrativa específica no desenvolvimento da língua irlandesa e desta tradição vernacular?

A *Hibernia*, nome latino da Irlanda, jamais foi anexada como *prouincia* ao Império Romano. Esta constatação terá importantes desdobramentos na contemporaneidade, pois, a partir da primeira metade do século XX, sobretudo após 1916 e os anos imediatamente posteriores, esta foi uma questão frequentemente

relebranda. Movimentos como o *Celtic Revival* e a Liga Gaélica idealizavam um passado pagão cujas referências estavam nas narrativas irlandesas e as influências clássicas deixaram de receber, pelo menos neste período, a mesma atenção. Patrick Henry Pearse, por exemplo, um dos líderes irlandeses daquela geração, em diversas ocasiões apontava o herói Cú Chulain como um símbolo de resistência irlandesa (PEARSE, 1916: 23-24). Ou seja, devido ao conturbado contexto político do período, relacionado com as lutas pela independência do que viria a se chamar República da Irlanda e, por consequência, com o forte ardor nacionalista gerado por estes conflitos, o fato da Irlanda não ter sido parte do Império Romano foi invocado como um fator identitário, pois isto a tornava diferente da Inglaterra, cujo passado estava diretamente relacionado com o mundo romano (FARRELL & SANTOS, 2014). Assim, por muito tempo, a historiografia irlandesa insistiu nesta contraposição e apresentou a Irlanda como “um mundo sem os romanos” (RAFTERY, 1996, p. 636-653).

Somente em obras mais recentes vemos uma ênfase maior nas relações entre a *Hibernia* e as sociedades do Mediterrâneo. O historiador italiano Vittorio di Martino sistematizou uma série de referências que podem evidenciar as complexas relações existentes entre a *Hibernia* e o Império Romano. A Arqueologia, por exemplo, tem colaborado, em uma escala sem precedentes na história das escavações locais, para identificação de inúmeros objetos romanos encontrados em território irlandês: *fibulae*, *ollae*, *paterae* e outros (DI MARTINO, 2003). Outro autor que também tem argumentado no mesmo sentido é Philip Freeman. A partir de indícios variados, com o auxílio da Linguística, Filologia, Literatura, Arqueologia etc, ele defende a tese de que os contatos entre irlandeses e romanos ocorreram por muito tempo antes do século V. Além disso, podemos perceber isto a partir de relatos feitos por autores clássicos, como César, Tácito e Juvenal (FREEMAN, 2001). Análises epigráficas também sugerem a mesma coisa. Quando observamos as *Ogham Stones*, por exemplo, inscrições em pedra contendo as primeiras grafias da língua irlandesa, percebemos esta proximidade entre as culturas romana e irlandesa, afinal de contas, este tipo de monumento é uma resposta à Epigrafia Romana e, além disso, temos pelo menos seis inscrições no Sul da Irlanda que comemoram pessoas de origem romana, ou pelo menos que foram batizadas com nomes romanos (MACMANUS, 1991). Até mesmo as muralhas de Adriano e Antonino, construídas no Norte da *Britannia Romana*, que antes eram interpretadas apenas como pontos de isolamento, uma forma de proteger os romanos de seus vizinhos bárbaros, tem sido vistas a partir de outras perspectivas. Atualmente, acredita-se que não podemos ver estes monumentos apenas como fortificações defensivas (HINGLEY, 2012).

Por tudo isso, interpretações hodiernas tem insistido na idéia de que a História da Irlanda está imbricada com a cultura clássica, afinal, o próprio termo *Hibernia* é de origem latina. Há inúmeras evidências destas trocas culturais entre a *Hibernia* e a *Britannia* Romana. Mais do que um impedimento, o *Irish Sea* era um caminho, possibilitando intercâmbios e conexões culturais, sociais e econômicas (HARVEY, 1990, p. 13-14). Há historiadores, inclusive, que apontam não somente para esta influência da *Britannia* sobre a *Hibernia*, mas também o contrário (ROCHE, 1993, p. 7-9; THOMAS, 1973, p. 5-13). O diálogo entre os dois lados do *Irish Sea* permitiu uma profunda relação entre os idiomas falados na *Hibernia* e na *Britannia*, o que colaborou para o desenvolvimento da escrita em irlandês (SANTOS, 2015).

Isto significa que a Tradição Clássica não era um corpo estranho na *Early Christian Ireland*. Além das *Ogham Stones* supramencionadas, é importante lembrar que Patrício, que viveu no século V e tornou-se padroeiro dos irlandeses, não só era um bretão-romano, mas estudou e aprendeu até a idade de dezesseis anos o latim falado na *Britannia* de seu tempo. Ele era filho de um diácono de nome Calpurnius e neto de um presbítero chamado Potitus. Como tal, ele teve uma educação eclesiástica e conhecia muito bem as principais referências de sua época: Cipriano, Santo Agostinho, Atanásio, São Martin de Tours e João Cassiano.

Inicialmente, Patrício pertencia a uma Tradição Clássica. Porém, a partir de seus escritos, documentos produzidos em latim aos quais a historiografia irlandesa atribui caráter fundacional, ele passou a fazer parte do que os estudiosos da área denominaram de Tradição Hiberno-Latina, que faz referência justamente a uma espécie de síntese entre a cultura latina e a irlandesa (SANTOS, 2013). David Howlett mostrou que Patrício era um habilidoso escritor que construiu em sua *Confessio e Epistola ad Milites Corotici* um complexo sistema retórico *per cola et commata*. Ou seja, uma leitura atenta das cartas de Patrício poderá evidenciar que ele tinha pleno domínio da sintaxe e do vocabulário do idioma dos romanos e emprestava de diversos autores idéias que corroboravam com suas teses. A composição de Patrício é praticamente uma construção aritmética, na qual a quantidade de palavras, sílabas, frases, letras e sons é organizada de modo a apresentar uma proporção numérica. De acordo com o autor, o padroeiro dos irlandeses elaborou suas sentenças em modelos e formas rítmicas, apresentou estruturas quiásticas, além disso, utilizou também diversos paralelismos, aliteração, assonância e outros elementos da retórica latina (HOWLETT, 1994).

Muirchú Moccu Machténi, que escreveu dois séculos mais tarde e foi um dos principais hagiógrafos de Patrício, estava inserido na mesma tradição. Ele conhecia

textos como o *Audite Omnes*, o *Commonitorium*, as *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, o apócrifo *Actus Petri cum Simone*, o *Passio apostolorum Petri et Pauli* e a *Historia apostolica* (SANTOS, 2013; SANTOS, 2014, p. 86-98). Howlett também estudou a obra de Muirchú e percebeu que ele não só seguiu os passos de Patrício, mas quis mostrar em suas composições que possuía este conhecimento da Tradição Hiberno-Latina, como se fosse uma espécie de assinatura de seus textos. O mesmo sistema que o primeiro desenvolveu nos documentos do século V pode ser observado no que Muirchú escreveu, no século VII. O autor chega a afirmar, inclusive, que Muirchú, por estar inserido na mesma tradição que Patrício, compreendeu o que este pretendia dizer melhor que seus intérpretes contemporâneos (HOWLETT, 1994: 120-121).

Mesmo com toda a problemática existente em torno do assim chamado *Patrician Problem* ou da querela *Historical Patrick x Fictional Patrick*, algo que a historiografia recente tem abordado (SANTOS, 2013; SANTOS, 2014), é possível recorrer à data tradicional de 432 como aquela em que Patrício foi levado para a Irlanda. No século V ele escreveria seus dois textos, *Confessio* e *Epistola*, e muito pouco tempo depois já teríamos as primeiras tentativas de uma produção irlandesa.

O poema mais antigo escrito totalmente em irlandês é o *Amra Choluim Cille*, ou “Lamento por Colm Cille”, composto por Eochaid Dallán Forgaill, segundo Ralph O’Connor, por causa da morte do santo em 597 (O’CONNOR, 2014). Ou seja, a produção em vernáculo na Irlanda começou por volta do ano 600 e continua até o tempo presente. Por este motivo, o mesmo O’Connor afirma que “nenhuma literatura vernacular na Europa tem uma duração semelhante” (O’CONNOR, 2014, p. 05).

O’Connor aponta ainda uma questão muito importante com relação a este texto escrito em irlandês, seu autor não pertencia à Igreja, era apenas um poeta amigo de Colm Cille. Isto é um indício de que, desde cedo, a tradição latina e a irlandesa eram combinadas no processo de produção textual; a língua irlandesa também era utilizada em contexto cristão; e os monastérios, então, não eram frequentados apenas por cristãos (O’CONNOR, 2014, p. 15). Assim sendo, sabemos que existiam narrativas em língua irlandesa que uniam motivos cristãos e seculares. Um destes casos é a obra *Cáin Adomnáin*, ou “Lei de Adomnán”, um texto conhecido também como “Lei dos Inocentes”, produzido por volta do ano 700, e que garantia proteção para mulheres e crianças durante as batalhas (O’CONNOR, 2014, p. 15), algo comum no período, já que a Irlanda era fragmentada em mais de 150 reinos independentes denominados *Tuathas* e que frequentemente entravam em confronto aberto uns com os outros (SANTOS, 2013).

Por volta do século X existia uma vasta produção de obras escritas em língua irlandesa. O'Connor explica que neste período já havia até mesmo listas destas narrativas disponíveis nos mosteiros irlandeses. Uma delas, por exemplo, aponta 185 títulos divididos por categorias, o que implica já em uma organização complexa desta produção literária. As principais divisões, segundo ele, são as seguintes: roubo de gado, galanteio, batalhas, terror, viagens, mortes, festas, cercos, aventuras, fugas, saques, visões, hospedagens e migrações (O'CONNOR, 2014, p. 06). Apesar do crescimento do número de obras, o autor lembra que, neste período ainda não havia poesia épica. Assim, no que ele chama de *Early Irish Literature*, há uma predominância de textos legais, genealógicos, calendários e histórias, todos utilizando principalmente composição em verso (O'CONNOR, 2014, p. 13).

Para evidenciar as relações entre a cultura clássica e a irlandesa, James Carney recorreu ao *Táin Bó Cúailnge*, obra classificada dentro da categoria “roubo de gado”, escrita por volta de 1.100, e que apresenta paralelos próximos à *Ilíada* e, justamente por este motivo, é considerada como a “*Ilíada irlandesa*”. A partir da análise desta relação entre as duas obras, a poesia homérica, em grego, e o *Táin*, em vernáculo irlandês, o autor afirma que “Homero era conhecido na Irlanda daquele período, mesmo que de forma indireta” (CARNEY, 1983, p. 128-130; SANTOS; FARRELL, 2014, p. 220-241). Esta é também a opinião de Brent Miles. Comparando as mesmas obras, ele lista alguns exemplos que evidenciam uma proximidade entre a *Ilíada* e o *Táin*. Ambos os textos tem uma cuidadosa caracterização das personagens, um episódio dramático de abertura, a narração usando tempo verbal no passado, o sublevar-se do rio irlandês Cron, que pode ser comparado com o Scamandro, que lançou suas águas sobre Aquiles, a profecia de Teoclímeno, na *Ilíada*, e a de Fedelm, no *Táin*, a luminiscência em torno da cabeça de Aquiles e Diomedes, na *Ilíada*, e Cú Chulain, no épico irlandês e, o paralelo mais evidente, o rei do Uster Fergus Mac Róich arrastando o cadáver de Etarcomal em seu carro de guerra, tal qual Aquiles faz com Heitor. O autor acredita que o *Táin* pode ser lido como uma *imitatio* literária, com destaque especial para Homero e Virgílio (MILES, 2011, p. 148). Dorothy Dilts Swartz identifica nesta mesma narrativa épica irlandesa 33 técnicas da *Ars Rhetorica*, compartilhadas da *Eneida*, da obra de Sidonius Apollinaris, das de Trebellius Pollius, de Giraldus Cambrensis e do manual *Rhetorica ad Herennium*, do século XII (SWARTZ, 1987, P.96-125; SANTOS; FARRELL, 2014, P. 220-241). Patrícia Kelly, por sua vez, analisando a mesma obra, prefere enfatizar empréstimos bíblicos. Para ela, o episódio do Rio Cronn pode ser

comparado ao Cântico de Débora (Juízes, 5.21) e a relação de Medb e Fergus com a de Sansão e Dalila (Juízes, 16) (KELLY, 1992).

Pode até ser que os autores discordem em um ponto ou outro e que disputem sobre esta ou aquela passagem possibilitar comparações com a tradição bíblica ou clássica. No entanto, quando os textos da Tradição Hiberno-Latina são lidos de forma sistemática, é possível perceber que tanto os argumentos de Carney, Miles e Swartz quanto os Kelly são acertados e só representam contradição se algumas obras e suas passagens forem interpretadas isoladamente, pois, no conjunto, estas narrativas apontam para o intercâmbio entre temáticas gregas, latinas e hebraicas. Miles sintetiza esta questão apontando que havia “uma fascinação irlandesa com as *tres linguae sacrae*: hebraico, grego e latim” (MILES, 2011, p. 34), ponto que de fato é perceptível nas mais variadas fontes da *Early Christian Ireland*.

Possivelmente, esta relação com a tradição bíblica e a cultura clássica apontada por Kelly facilitou o surgimento de um contexto favorável às traduções de obras do grego e do latim para o irlandês. W.B. Stanford afirma que “os cristãos irlandeses não tinham medos ancestrais do panteão greco-romano (STANFORD, 1970, p. 17)”. Isto significa, segundo ele, que “em outras palavras, a tradição clássica não oferecia uma ameaça séria para a Igreja” (STANFORD, 1970, p. 18). Desta forma, não haveria problema em selecionar temáticas clássicas e adaptá-las à cultura nativa, pois “para uma nação tão acostumada com as narrativas heróicas e ficção imaginativa os mitos clássicos e épicos apresentariam um prazeroso novo mundo de possibilidades” (STANFORD, 1970, p. 18).

Talvez por conta deste contexto específico de relação com a tradição clássica a Irlanda tenha apresentado pioneirismo na adaptação destas obras para o vernáculo. Stanford afirma que em outros lugares estas narrativas sobre Tróia e outras obras clássicas, principalmente traduções, são produções posteriores. Segundo ele, a primeira versão da Eneida em Espanhol, por exemplo, data de 1428; o francês teve uma *Pharsalia* somente em 1380; no que diz respeito à Destruição de Tróia, temos o *Roman de Troie*, de Sainte Maure, uma adaptação em francês da matéria troiana, um pouco posterior à versão irlandesa do Book of Leinster (STANFORD, 1970, p. 13-91). Na Irlanda, no entanto, como temos visto, o uso do idioma latino e a escrita vernacular, quando a *Togaíl Troí* foi produzida, possuíam uma história de séculos.

Desta forma, parece inusitada a afirmação de Jonathan Cornil de que “Dares foi traduzido até mesmo para o irlandês” (CORNIL, 2011-2012, p.15). Caberia, dando outra ênfase à temática, perguntar: Por que Dares não seria traduzido para o irlandês?”

De Excidio Troiae Historia não só ganhou sua versão hibernica como a primeira tradução vernacular existente deste texto na Europa. Assim, devemos, claro, ter o cuidado de não pensar sobre a Irlanda de forma romântica como um repositório cultural, como faz Thomas Cahill em sua obra (CAHILL, 1999). Mas, por outro lado, não podemos ignorar que, assim como ocorreu em outros centros culturais, a tradição bíblica e a clássica também se desenvolveram nas Ilhas Britânicas, principalmente na Irlanda, onde os Pais da Igreja eram conhecidos, a retórica e a gramática eram estudadas, comentários de obras clássicas eram feitos e, sobretudo, traduzidos, já que a língua vernácula se desenvolveu desde o século VI.

A literatura em língua irlandesa foi se desenvolvendo e tornando-se cada vez mais complexa. Em várias situações, os escritores irlandeses adaptaram temáticas clássicas aos propósitos de suas obras. Vejamos como Ralph O'Connor, que elaborou um catálogo completo de algumas destas ressignificações dividindo-as por século de produção, sistematizou estas composições: Do século X, embora perdida, conhece-se uma *Togail Troí*, na qual textos posteriores se basearam, e uma *Scéla Alaxandair*, Saga que conta aventuras de Alexandre; há no século XI novas adaptações destes mesmos textos, uma primeira recensão da *Togail Troí* e outra da *Scéla Alaxandair*, esta, agora, ao lado da *Historia adversum paganos*, de Orósio; no fim do século XI e início do XII foram produzidas uma segunda recensão da *Togail Troí* e uma *Imtheachta Aeniasa*, aventuras de Enéias, adaptação em prosa de Virgílio; no século XII temos a *In Cath Catharda*, guerra civil baseada na *Bellum Civile* de Lucano, uma *Togail na Tebe*, Destruição de Tebas, baseada da *Thebaid* de Statius e um texto conhecido como *Luid Iasón ina luíng lóir*, uma narrativa em verso sobre a Guerra de Tróia. Outra narrativa importante deste período é a *Robo maith Aichil mac Péil*, um poema que conta os feitos juvenis de Aquiles; no fim do século XII e no XIII produziu-se uma terceira recensão da *Togail Troí*, uma obra chamada *Don Tres Troí*, acerca da terceira Tróia, a *Fingal Chlainne Tanntail*, um texto em prosa contando a história da família dos tantálidas e a casa dos atreus, a *Sgél in Minaduir*, texto em prosa sobre as personagens conhecidos da Ilha de Creta: Minos, Pasiphae, Deaedralus, Icarus e o Minotauro, a *Riss in Mundtuirc*, obra baseada na *Thebaid* e nas *Metamorphoses* de Ovídio, e há também a *Merugud Uilixis*, texto em prosa recontando a história de Odisseus; no século XIV há sobretudo traduções de várias narrativas não-clássicas; no fim do século XV e no XVI há um texto chamado *Stair Ercuil ocus a Bás*, ou “A História de Hércules e sua Morte” e um outro texto anônimo de 22 versos recontando episódios da *Stair Ercuil* (O'CONNOR, 2014).

Junto com adaptações e traduções de textos clássicos, os escribas irlandeses também produziram, do século X ao século XVI, inúmeras composições próprias em vernacular. Datam deste período obras como *Lebor Gabála*, *Táin Bó Cúailnge* dentre outras. Máire Ní Mhaonaigh afirma que em cada período um idioma ou outro pode ter dominado, mas o bilingüismo, o “duo” formado pelo Latim e pelo Irlandês, foi uma importante ferramenta para a literatura irlandesa (NÍ MHAONAIGH, 2008). Segundo a autora, “ouvintes e leitores bilíngües eram claramente preparados para este tipo de texto” (NÍ MHAONAIGH, 2008, p. 40), sabemos que “uma vida de Santa Brígida, do século IX, por exemplo, tinha um quarto do conteúdo em Latim, já o autor da ‘Visão de Adamnán’, do século XI, empregou várias sentenças latinas em um texto predominantemente irlandês” (NÍ MHAONAIGH, 2008, p. 40). Ní Mhaonaigh aponta que os irlandeses “eram aptos não só a ler, mas também assimilar estes textos latinos” (NÍ MHAONAIGH, 2008, p. 40). Além disso, ela acredita que, de alguma forma, interessavam-se pela dimensão histórica dos clássicos, o que pode explicar o fato dos irlandeses “estarem entre os primeiros a criarem versões vernaculares destes textos influentes” (NÍ MHAONAIGH, 2008, p. 41).

A *Togail Trói* ocupa um papel muito importante nesta relação irlandesa com os textos clássicos. No entanto, segundo Helen Fulton, devemos pensar este texto não como uma “adaptação”, muito menos como uma “tradução”, como faz muitos dos autores que mencionamos até então. O termo mais apropriado para se referir a este processo, para ela, é “remediação”, interpretado em seu sentido moderno, como “transferência de um *medium* para outro. Seria como quando adaptamos um romance para um filme ou quando convertemos uma peça em um musical” (FULTON, 2014, p. 41). De acordo com Fulton, o que os irlandeses herdaram foi uma destas “remediações”, pois Dares, assim como outros pseudo-historiadores, não elaborou prosas homéricas, o que fez foi muito mais uma composição anti-homérica, invertendo vários sentidos do épico grego, tornando-o mais palatável ao contexto do período (FULTON, 2014, p. 41-42). Esta forma irlandesa de ler o texto, que coloca Troilus (e não Enéias), como personagem central da narrativa, é o que permitiu, por exemplo, paralelos não só em termos de personagens, como ocorre com os heróis das sagas irlandesas, principalmente Cú Chulainn, do Táin, mas também com estruturas narrativas e embelezamentos retóricos (FULTON, 2014, p. 42). Ou seja, a *Togail Troí* pode até ser uma proposta de tradução da *De Excidio Troiae Historia*, mas a obra atribuída a Dares é uma remediação da narrativa homérica. Assim, não podemos, então, ler o texto do *Book of Leinster*

apenas como uma tradução de um idioma para o outro, mas é preciso ficar atento a este processo.

De acordo com Richardo Pichel Gotérrez, trata-se de algo muito comum, pois a tradição homérica foi adaptada na Antiguidade e na Idade Média para atender aos requisitos de contextos muito distintos, sofrendo reformulações não só formais, mas também ideológicas. Uma destas variações seria esta vertente “anti-homérica”, que altera diversos trechos da narrativa troiana, inclusive o resultado final da guerra, apontando os troianos, e não os gregos, como vencedores da épica batalha. O autor credita à narrativa de Dares, mas também outra obra intitulada *Ephemeris Belli Troiani*, de um escritor chamado Dictis, como iniciadores de uma nova tradição, que tem como ponto de autoridade fundamental o argumento de que estes textos seriam narrativas verídicas dos acontecimentos (GOTÉRREZ, 2010, p. 334). Gotérrez acredita que estas obras “condicionaram quase por completo a recepção europeia medieval das lendas troianas e gozaram de um êxito sem precedentes na Europa” (GOTÉRREZ, 2010, p. 334).

Fulton acredita que “tudo isso aponta para um ativo programa de tradução e adaptação e não só o acesso aos textos clássicos, mas um conhecimento muito próximo destes como parte (...) de um sistema educacional de mão dupla entre os mosteiros irlandeses e continentais” (FULTON, 2014, p. 41-42) e também que “este tipo de evidência aponta para o vigor da língua vernácula como um veículo para o aprendizado e a literatura, tanto secular quanto religiosa, e também para um contato próximo entre o Latim e o Vernáculo” (FULTON, 2014, p. 41-42). Assim sendo, de acordo com Brent Miles, a recepção dos clássicos e a produção de literatura vernácula andaram juntas na Irlanda. Segundo ele, houve uma intensa renovação pós-viking e um movimento chamado *medieval Irish classicism*, composto de diversos eruditos, que foi responsável por perpetuar o estudo das letras e garantir “a realidade do classicismo irlandês no período vernacular”. Para o autor, no entanto, “o classicismo irlandês existiu de forma colateral aos estudos clássicos irlandeses (...), a divisão dos dois em duas disciplinas separadas distorce o caráter de ambos” (MILES, 2011, p. 13-14). Muireann Ní Bhrolcháin afirma que “a partir do século onze os escribas começaram a traduzir longos textos latinos e, como resultado deste processo, aprenderam a compor também longos textos em irlandês” (NÍ BHRÓLCHÁIN, 2009, p. 18). A *Togail Trói* foi uma narrativa decisiva neste desenvolvimento da língua vernácula.

Considerações finais

Desde que os irlandeses tomaram emprestado dos romanos o hábito epigráfico e aprenderam a escrever mensagens em pedra temos evidência material dos usos do idioma latino na Irlanda, algo que se intensificou após a chegada de Patrício, que, como vimos, era um bretão com educação romana, e do cristianismo, com toda a tradição de escrita que lhe acompanhou. Isto permitiu com que um amplo conjunto de textos fosse produzido no período denominado como *Early Christian Ireland*. Estas narrativas nos fornecem informações mais do que suficientes para percebermos um esforço contínuo de estudo feito tanto em contexto cristão quanto secular, sobretudo nos mosteiros, que caracterizava um sistema educacional complexo, interligado ao continente Europeu. Foi possível perceber que havia na Irlanda um ativo programa de erudição que permitia uma ampla circulação de idéias, quando leituras, estudos, declamações, traduções, adaptações, cópias e composições, eram realizadas.

Em um ambiente assim, as narrativas em língua hebraica, grega e romana passaram a fazer parte do cotidiano irlandês. Na Irlanda, a cultura clássica foi muito bem recebida e pôde se desenvolver lado a lado com a escrita vernacular, existente desde o século VI até o tempo presente. Como pudemos observar, a recepção das temáticas clássicas, que já ocorria na própria Antiguidade, teve importância fundamental no mundo pós-clássico. Na Irlanda, ela foi significativa para o desenvolvimento da língua vernacular.

A *De Excidio Troiae Historia*, um *commentarius*, provavelmente um *Progymnasmaton*, de um autor anônimo da Antiguidade Tardia, vinculado a nomes como Dares, Cornelius e Sallustius, Homero, Virgílio e outros, foi fundamental para a compreensão medieval da Guerra de Tróia, tornando-se uma das mais influentes obras “pseudoclássicas” da literatura europeia. A versão irlandesa desta narrativa integrante da matéria troiana, a *Togail Trói*, que foi copiada pelo mesmo escriba responsável por transcrever o Táin, maior épico irlandês, para o *Book of Leinster* é a “tradução” vernacular mais antiga de uma obra desta natureza e teve papel fundamental para a história da literatura irlandesa e, principalmente, no desenvolvimento dos escritos em línguas vernáculas na *Early Christian Ireland*.

Referências:

Fontes:

- ANÔNIMO; ÁED Mac Crimthainn; “T”. *TOGAIL TROÍ*. Tradução de: WINDISCH e STOKES. *Irische Texte mit Übersetzungen und Wörterbuch in Irische Texte*. Leipzig, S. Hirzel, volume 2:1, page 3–62, 1884. Disponível em <<http://www.ucc.ie/celt/published/G103005/index.html>> Data de Acesso: 02/01/2016.
- DARES PHRYGIUS. *De Excidio Trojae Historia*. Tradução de: CORNIL, JONATHAN. *Philological Commentary and Translation*. Scriptie voorgedragen tot het bekomen van de grad van Master in de Tall- en Letterkunde (Latijn – Engels). Faculteit Letteren & Wijbegeerte. Universiteit Gent, 2011-2012.
- HOMERO. *Iliada*, Livro 5, versos 9 e 10. Acervo de fontes indexadas pela database digital *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*.
- PEARSE, PADRAIC. *Collected works of PADRAIC H. PEARSE. Political Writtings and Speeches (1916)*. The Phoenix Publishing Co. Trecho 23- 24.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Livro 5, versos 375-377. Tradução Poética de Manuel de Odorico Mendes. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Data de Acesso em 02/01/2016.
- BREEN, Aidan. *Classical Influence*. In: DUFFY, Séan (Ed.). *Medieval Ireland – An Encyclopedia*. New York and London, 2005. p. 89.
- NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. *Leinster, Book of*. In: DUFFY, Séan (Ed.). *Medieval Ireland – An Encyclopedia*. New York and London, 2005. p. 272-274.
- Encyclopædia Britannica. "*Dares Phrygius*". Encyclopædia Britannica. Encyclopædia Britannica Online. <<http://www.britannica.com/biography/Dares-Phrygius>>. Data de Acesso: 02/01/2016.

Obras utilizadas:

- BARBOSA, Renata Cerqueira. *O Império Romano e os Usos do Passado na Inglaterra Vitoriana*. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia B; ABRANTES, Elizabeth S.. (Org.). *História Antiga e Medieval. Sonhos, Mitos e Heróis: Memória e Identidade*. 1ed. São Luís: Ed. UEMA, 2015, v. 5, p. 1-13.
- BARBOSA, Renata Cerqueira. *Sexualidade e Gênero na Inglaterra Vitoriana: a leitura sobre Ovídio*. 1ª. ed. Londrina: Eduel - Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A.; FUNARI, R.S.. *Cinema e o Mundo Antigo, Antiguidade através da sétima arte*. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. 152p .
- CARNEY, JAMES. *Early Irish Literature: the state of research*. In: *ICCS* , 6. 1983, PP. 128-130.
- CHARLES-EDWARD, T.M.. *Early Christian Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CORNIL, JONATHAN. *Dares Phrygius's De Excidio Trojae Historia: Philological Commentary and Translation*. Scriptie voorgedragen tot het bekomen van de grad van Master in de Tall- en Letterkunde (Latijn – Engels). Faculteit Letteren & Wijbegeerte. Universiteit Gent, 2011-2012.
- DI MARTINO, Vittorio. *Roman Ireland*, The Collins Press. London, 2003

DOOLEY, Ann. *Playing the hero- Reading the Irish Saga Táin Bó Cúailnge*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

FARRELL, Elaine; SANTOS, Dominique. Early Christian Ireland- Uma reflexão sobre o problema da periodização na escrita da História da Irlanda. In: BAPTISTA, L. V. (Org.); SANT'ANNA, Henrique Modanez de (Org.); SANTOS, D. V. C. (Org.). (Org.). *História antiga: estudos, revisões e diálogos*. Rio de Janeiro: Publit, 2011, p. 185-213.

FREEMAN, Philip. *Ireland and the Classical World*. University of Texas Press. Houston, 2001.

FULTON, Helen. History and historia: uses of the Troy story in medieval Ireland and Wales. In: O'CONNOR, Ralph. (ed.). *Classical Literature and Learning in Medieval Irish Narrative*. Studies in Celtic History XXXIV. D. S. Brewer, Cambridge, 2014. P. 41.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FUNARI, R.S.. O presente do passado: o Egito no Brasil. *Hélide* (Rio de Janeiro), v. 1, p. 35-43, 2015.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A.. The uses of Roman Heritage in Brazil: Traditional reception and new critical approaches. *Heritage and Society*, v. 05, p. 53-76, 2012.

GOTÉRREZ, Richardo Pichel. La Circulación de la Materia de Troya en la baja Edad Media y su reflejo en las letras gallegas: aproximación al testimonio de la Historia Troiana (BMP 558). In: PÉREZ, Francisco Bautista; CORRADINE, Jimena Gamba (Eds.). *Estudios Sobre La Edad Media, El Renacimiento y La Temprana Modernidad*. Salamanca, Gráficas Cervantes, 2010. P. 331-345. Especificadamente da página 334.

HARVEY, Anthony. The Ogham Inscriptions and the Roman Alphabet: Two Traditions or One? *Archaeology Ireland*, Vol. 4, Nº1, 1990. p. 13-14.

HINGLEY, Richard. *Hadrian's Wall: A Life*. Oxford: Oxford University Press. 2012.

HOWLETT, David. *The book of Letters of Saint Patrick the Bishop*. Dublin: Four Courts Press, 1994.

KELLY, Patricia. The Táin as Literature. In: MALLORY, J.P. (Ed.) *Aspects of the Táin*. Belfast: December Publications, 1992, 159 p.

MACMANUS, Daniel. *A Guide to Ogam*. Maynooth, 1991.

MILES, Brent. *Heroic Saga and Classical Epic in Medieval Ireland*. Cambridge, DS Brewer, 2011. Cf. p. 148.

NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. *An Introduction to Early Irish Literature*. Dublin: Four Courts Press, 2009.

NÍ MHAONAIGH, Máire. The literature of medieval Ireland, 800–1200: from the Vikings to the Normans. In: KELLEHER, Margaret; O'LEARY, Philip (Eds.). *The Cambridge History of Irish Literature - Volume 1*. Cambridge University Press, 2008.

O' SULLIVAN, William. Manuscripts and Paleography. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi (Editor). *A New History of Ireland I – Prehistoric and Early Ireland*. Oxford: Oxford University Press 2008. P. 546.

O'CONNOR, Ralph. Narrative Literature and Classical Tradition. In: _____ (ed.). *Classical Literature and Learning in Medieval Irish Narrative*. Studies in Celtic History XXXIV. D. S. Brewer, Cambridge, 2014.

RAFTERY, Barry. Ireland: a world without the Romans. In: GREEN, Miranda J. *The Celtic World*. Londres: Routledge, 1996. p 636-653.

ROBERTSON, Martin. *The Art of Vase-painting in Classical Athens*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1992.

ROCHE, John. The Influence of Ireland on Roman Britain...Cursus Unicus? *Archaeology Ireland*. Vol. 7, nº 1, 1993, p. 7-9.

SANTOS, Dominique; FARRELL, Elaine. Táin Bó Cúailnge - Um Épico Irlandês. In: Dominique Santos. (Org.). *Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo*. 1ª ed. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 220-241.

- SANTOS, Dominique. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha Romana e Pós-Romana: Evidências a Partir das Ogham Stones. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, 2015.
- SANTOS, Dominique. *Patrício: A Construção da Imagem de um Santo/How the Historical Patrick Was Transformed into the St. Patrick of Religious Faith*. 1. ed. New York; Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2013. 316p .
- SANTOS, Dominique. São Patrício e a festividade pagã no banquete da província de Tara: religião e sociedade na Early Christian Ireland a partir da obra de Muirchú Moccu Machteni. In: Maria Regina Candido. (Org.). *Banquetes, Rituais e Poder no Mediterrâneo Antigo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: D&G Editora, 2014, v. Único, p. 86-98.
- SHEPARD, Alan; POWELL, Stephen D.. Introduction In: _____. *Fantasies of Troy – Classical Tales and the Social Imaginary in Medieval and Early Modern Europe*. Toronto, CRRS Publications: 2004. P. 01.
- SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da Antigüidade. *História* (São Paulo. Online), v. 26, p. 98-118, 2007.
- SILVA, Glaydson José da. Nazismo, fascismo y 'vichismo': la historia y la arqueología al servicio de los regímenes autoritaris de Europa. *Boletín del Gabinete de Arqueología*, v. 8, p. 135-142, 2010.
- STANFORD, W.B.. Towards a History of Classical Influences in Ireland. *Proceedings of The Royal Irish Academy. Section C: Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature*, Vol. 70 (1970). P. 13-91.
- SWARTZ, Dorothy Dilts. The Problem of Classical Influence in the Book of Leinster Táin Bó Cúaing: Significant Parallels with Twelfth-Century Neo-Classical Rhetoric. In: *Proceedings of the Harvard Celtic Colloquium*. Vol. 7, (1987), pp. 96-125.
- THOMAS, Charles. Irish Colonists in South-West Britain. *World Archaeology*. Vol. 5, nº 1, Colonization, 1973, p. 5-13.

Notas:

¹Publicação possível graças aos recursos financeiros previstos pelo Projeto de Pesquisa 668/2012, intitulado “Culturas, Fronteiras e Identidades: Repensando a Idade Média entre o Mediterrâneo e o Mar da Irlanda”, subsidiado pela PROPEX – FURB.

² Trata-se do Livro 5, versos 9 e 10, no qual lemos que “Ἐν δὲ τῶν ἐν Τρώεσσι Δάρης ἀφνειὸς ἀμύμων ἱεὺς Ἡφαίστου”. Em Português: “Entre os troianos havia um homem rico e honrado chamado Dares, sacerdote de Hefestos”.

³ Trata-se do Livro 5, versos 375-377, nos quais lemos: “talis prima Dares caput altum in proelia tollit, ostenditque umeros latos alternaque iactat brachia protendens et uerberat ictibus auras. Em Português: “Tal o Campeão se ostende: espadaúdo, alta a cabeça, alterno os braços tesos esgrime, e açoita os ares com punhadas”. Tradução Poética Manuel de Odorico Mendes.

Artigo recebido em 12/12/2015. Aprovado em 20/02/2016.